

SIGMUND
FREUD

OBRAS COMPLETAS VOLUME 10

OBSERVAÇÕES PSICANALÍTICAS
SOBRE UM CASO DE PARANOIA
RELATADO EM AUTOBIOGRAFIA
("O CASO SCHREBER"),
ARTIGOS SOBRE TÉCNICA
E OUTROS TEXTOS
(1911-1913)

TRADUÇÃO PAULO CÉSAR DE SOUZA

Copyright da tradução © 2010
by Paulo César Lima de Souza

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Os textos deste volume foram traduzidos de *Gesammelte Werke*, volumes VIII e X (Londres: Imago, 1943 e 1946). Os títulos originais estão na página inicial de cada texto. A outra edição alemã referida é *Studienausgabe*, Frankfurt: Fischer, 2000.

Capa e projeto gráfico
warrakloureiro

Imagens das pp. 3 e 4
Eros, Grécia, séc. II a.C., 15x38cm
Balsamarium, Itália Central, séc. III a.C., 3x9,4cm
Freud Museum, Londres

Preparação
Célia Euvaldo

Índice remissivo
Luciano Marchiori

Revisão
Huendel Viana
Carmen S. da Costa
Ana Maria Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Freud, Sigmund, 1856-1939
Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em
autobiografia : ("O caso Schreber") : artigos sobre técnica e outros textos
(1911-1913) / Sigmund Freud ; tradução e notas Paulo César de Souza.
— São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

Títulos originais: Gesammelte Werke e Studienausgabe
“Obras completas volume 10”.
ISBN 978-85-359-1614-0

1. Freud, Sigmund, 1856-1939 2. Psicanálise 3. Psicologia 4. Psicoterapia
i. Título. II. Título: O caso Schreber

10-00793 CDD-150.1954
NLM-WM 420

Índice para catálogo sistemático:
1. Sigmund, Freud : Obras completas : Psicologia analítica 150.195

[2010]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORAS SCHWARCZ LTDA
Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone (11) 3707-3500
Fax (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br

SUMÁRIO

ESTA EDIÇÃO 9

OBSERVAÇÕES PSICANALÍTICAS SOBRE UM CASO DE PARANOIA (*DEMENTIA PARANOIDES*) RELATADO EM AUTOBIOGRAFIA

[“O CASO SCHREBER”, 1911] 13

[INTRODUÇÃO] 14

I. HISTÓRIA CLÍNICA 16

II. TENTATIVAS DE INTERPRETAÇÃO 47

III. SOBRE O MECANISMO DA PARANOIA 78

PÓS-ESCRITO 104

FORMULAÇÕES SOBRE OS DOIS PRINCÍPIOS DO FUNCIONAMENTO PSÍQUICO (1911) 108

[ARTIGOS SOBRE TÉCNICA]

O USO DA INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS NA PSICANÁLISE (1911) 122

A DINÂMICA DA TRANSFERÊNCIA (1912) 133

RECOMENDAÇÕES AO MÉDICO QUE PRATICA A PSICANÁLISE (1912) 147

O INÍCIO DO TRATAMENTO (1913) 163

RECORDAR, REPETIR E ELABORAR (1914) 193

OBSERVAÇÕES SOBRE O AMOR DE TRANSFERÊNCIA (1915) 210

TIPOS DE ADOECIMENTO NEURÓTICO (1912) 229

O DEBATE SOBRE A MASTURBAÇÃO (1912) 240

ALGUMAS OBSERVAÇÕES SOBRE O CONCEITO DE INCONSCIENTE NA PSICANÁLISE (1912) 255

PRINCÍPIOS BÁSICOS DA PSICANÁLISE (1913) 268

UM SONHO COMO PROVA (1913) 277

SONHOS COM MATERIAL DE CONTOS DE FADAS (1913) 291

O TEMA DA ESCOLHA DO COFRINHO (1913) 301

DUAS MENTIRAS INFANTIS (1913) 317

A PREDISPOSIÇÃO À NEUROSE OBSESSIVA (1913) 324

PREFÁCIOS E TEXTOS BREVES (1911-1913) 339

PREFÁCIO A *O MÉTODO PSICANALÍTICO*,

DE OSKAR PFISTER 340

PREFÁCIO A *OS TRANSTORNOS PSÍQUICOS DA POTÊNCIA MASCULINA*,

DE MAXIM STEINER 344

PREFÁCIO A *RITOS ESCATOLÓGICOS DO MUNDO INTEIRO*,

DE J. G. BOURKE 346

RESENHA DE *SOBRE PSICOLOGÍA Y PSICOTERAPIA DE CIERTOS*

ESTADOS ANGUSTIOSOS, DE G. GREVE 351

O SIGNIFICADO DE UMA SEQUÊNCIA DE VOGAIS 354

"GRANDE É A DIANA DOS EFÉSIOS!" 355

ÍNDICE REMISSIVO 359

ESTA EDIÇÃO

Esta edição das obras completas de Sigmund Freud pretende ser a primeira, em língua portuguesa, traduzida do original alemão e organizada na sequência cronológica em que apareceram originalmente os textos.

A afirmação de que são obras completas pede um esclarecimento. Não se incluem os textos de neurologia, isto é, não psicanalíticos, anteriores à criação da psicanálise. Isso porque o próprio autor decidiu deixá-los de fora quando se fez a primeira edição completa de suas obras, nas décadas de 1920 e 30. No entanto, vários textos pré-psicanalíticos, já psicológicos, serão incluídos nos dois primeiros volumes. A coleção inteira será composta de vinte volumes,* sendo dezenove de textos e um de índices e bibliografia.

A edição alemã que serviu de base para esta foi *Gesammelte Werke* [Obras completas], publicada em Londres entre 1940 e 1952. Agora pertence ao catálogo da editora Fischer, de Frankfurt, que também recolheu num grosso volume, intitulado *Nachtragsband* [Volume suplementar], inúmeros textos menores ou inéditos que haviam sido omitidos na edição londrina. Apenas alguns deles foram traduzidos para a presente edição, pois muitos são de caráter apenas circunstancial.

A ordem cronológica adotada pode sofrer pequenas alterações no interior de um volume. Os textos conside-

* O tradutor agradece o generoso auxílio de Gisela Moreau, que durante um ano lhe permitiu se dedicar exclusivamente à tradução deste volume.

rados mais importantes do período coberto pelo volume, cujos títulos aparecem na página de rosto, vêm em primeiro lugar. Em uma ou outra ocasião, são reunidos aqueles que tratam de um só tema, mas não foram publicados sucessivamente; é o caso dos artigos sobre a técnica psicanalítica, por exemplo. Por fim, os textos mais curtos são agrupados no final do volume.

Embora constituam a mais ampla reunião de textos de Freud, os dezessete volumes dos *Gesammelte Werke* foram sofivelmente editados, talvez devido à penúria dos anos de guerra e de pós-guerra na Europa. Embora ordenados cronologicamente, não indicam sequer o ano da publicação de cada trabalho. O texto em si é geralmente confiável, mas sempre que possível foi cotejado com a *Studienausgabe* [Edição de estudos], publicada pela Fischer em 1969-75, da qual consultamos uma edição revista, lançada posteriormente. Trata-se de onze volumes organizados por temas (como a primeira coleção de obras de Freud), que não incluem vários textos secundários ou de conteúdo repetido, mas incorporam, traduzidas para o alemão, as apresentações e notas que o inglês James Strachey redigiu para a *Standard edition* (Londres, Hogarth Press, 1955-66).

O objetivo da presente edição é oferecer os textos com o máximo de fidelidade ao original, sem interpretações ou interferências de comentaristas e teóricos posteriores da psicanálise, que devem ser buscadas na imensa bibliografia sobre o tema. Também informações sobre a gênese e a importância de cada obra podem ser encontradas na literatura secundária, principalmente na

biografia em três volumes de Ernest Jones (lançada no Brasil pela Imago, do Rio de Janeiro) e no mencionado aparato editorial da *Standard* inglesa.

A ordem de publicação destas *Obras completas* não é a mesma daquela das primeiras edições alemãs, pois isso implicaria deixar várias coisas relevantes para muito depois. Decidiu-se começar por um período intermediário e de pleno desenvolvimento das concepções de Freud, em torno de 1915, e daí proceder para trás e para adiante.

Após o título de cada texto há apenas a referência bibliográfica da primeira publicação, não a das edições subsequentes ou em outras línguas, que interessam tão somente a alguns especialistas. Entre parênteses se acha o ano da publicação original; havendo transcorrido mais de um ano entre a redação e a publicação, a data da redação aparece entre colchetes. As indicações bibliográficas do autor foram normalmente conservadas tais como ele as redigiu, isto é, não foram substituídas por edições mais recentes das obras citadas. Mas sempre é fornecido o ano da publicação, que, no caso de remissões do autor a seus próprios textos, permite que o leitor os localize sem maior dificuldade, tanto nesta como em outras edições das obras de Freud.

As notas do tradutor geralmente informam sobre os termos e passagens de versão problemática, para que o leitor tenha uma ideia mais precisa de seu significado e para justificar em alguma medida as soluções aqui adotadas. Nessas notas são reproduzidos os equivalentes achados em algumas versões estrangeiras dos textos,

em línguas aparentadas ao português e ao alemão. Não utilizamos as duas versões das obras completas já aparecidas em português, das editoras Delta e Imago, pois não foram traduzidas do alemão, e sim do francês e do espanhol (a primeira) e do inglês (a segunda).

No tocante aos termos considerados técnicos, não existe a pretensão de impor as escolhas aqui feitas, como se fossem absolutas. Elas apenas pareceram as menos insatisfatórias para o tradutor, e os leitores e psicanalistas que empregam termos diferentes, conforme suas diferentes abordagens e percepções da psicanálise, devem sentir-se à vontade para conservar suas opções. Ao ler essas traduções, apenas precisarão fazer o pequeno esforço de substituir mentalmente “instinto” por “pulsão”, “instintual” por “pulsionais”, “repressão” por “recalque”, ou “Eu” por “ego”, exemplificando. No entanto, essas palavras são poucas, em número bem menor do que geralmente se acredita.

Esta edição não pretende ser definitiva, pelo simples motivo de que um clássico dessa natureza nunca recebe uma tradução definitiva. E, tendo sido planejada por alguém que se aproximou de Freud pela via da linguagem e da literatura, destina-se não apenas aos estudiosos e profissionais da psicanálise, mas a todos aqueles que, em vários continentes, leem e se exprimem nessa que um grande poeta português chamou de “nossa clara língua majestosa” e um eminente tradutor e poeta brasileiro qualificou de “portocáldido, brasílico idiomaterno”.

P.C.S.

OBSERVAÇÕES PSICANALÍTICAS SOBRE UM CASO DE PARANOIA (*DEMENTIA PARANOIDES*) RELATADO EM AUTOBIOGRAFIA ("O CASO SCHREBER", 1911)

TÍTULO ORIGINAL: "PSYCHOANALYTISCHE
BEMERKUNGEN ÜBER EINEN AUTOBIOGRAPHISCH
BESCHRIEBENEN FALL VON PARANOIA
(*DEMENTIA PARANOIDES*)". PUBLICADO
PRIMEIRAMENTE EM JAHRBUCH
FÜR PSYCHOANALYTISCHE UND
PSYCHOPATHOLOGISCHE FORSCHUNGEN
[ANUÁRIO DE PESQUISAS PSICANALÍTICAS
E PSICOPATOLÓGICAS], V. 3, N. 1, PP. 9-68.
TRADUZIDO DE *GESAMMELTE WERKE*VIII,
PP. 239-316; TAMBÉM SE ACHA
EM *STUDIENAUSGABE*VII, PP. 133-200.

A investigação psicanalítica da paranoia oferece dificuldades especiais para nós, médicos não ligados a instituições públicas. Não podemos aceitar ou manter por longo tempo doentes assim, pois a condição para nosso tratamento é a perspectiva de sucesso terapêutico. Apenas excepcionalmente posso lançar um olhar mais detido à estrutura da paranoia, seja quando a incerteza do diagnóstico — nem sempre fácil — favorece a tentativa de influenciar o paciente, seja quando, apesar do diagnóstico seguro, cedo aos pedidos da família e começo a tratar o indivíduo por algum tempo. À parte isso, naturalmente encontro paranoicos (e dementes) em bom número, e deles adquiro tantas informações sobre seus casos quanto outros psiquiatras, mas via de regra isso não basta para chegar a conclusões psicanalíticas.

A investigação psicanalítica da paranoia não seria possível se os doentes não tivessem a peculiaridade de revelar, ainda que de forma distorcida, justamente o que os demais neuróticos escondem como um segredo. Dado que os paranoicos não podem ser impelidos a vencer suas resistências internas e, de toda forma, dizem apenas o que querem dizer, precisamente no caso dessa afecção o relato escrito ou a história clínica impressa pode funcionar como substituto do conhecimento pessoal do doente. Parece-me lícito, então, fazer interpretações psicanalíticas a partir do caso clínico de um paranoico (*enfermo de dementia paranoides*) que jamais conheci, mas que redigiu ele mesmo sua história clínica e a levou ao conhecimento público de forma impressa.

Trata-se do dr. Daniel Paul Schreber, ex-presidente da Corte de Apelação da Saxônia, cujas *Memórias de um doente dos nervos* apareceram em 1903 e, se estou bem informado, despertaram grande interesse entre os psiquiatras. É possível que o dr. Schreber viva ainda hoje e que tenha se afastado do sistema de delírios que apresentou em 1903, de modo a achar incômodas estas observações sobre o seu livro. Mas, na medida em que ainda conserve a identidade de sua personalidade de hoje com a de então, é-me permitido invocar os próprios argumentos que o “homem de espírito elevado, de inteligência aguda e finos dons de observação”¹ contrapôs aos que buscavam dissuadi-lo da publicação: “A esse respeito não deixei de levar em conta as objeções que parecem se opor a uma publicação: trata-se especialmente da consideração por algumas pessoas que ainda vivem. Por outro lado, creio que poderia ser valioso para a ciência e para o conhecimento de verdades religiosas possibilitar, ainda durante a minha vida, quaisquer observações da parte de profissionais sobre

¹ Essa autocaracterização, que certamente não é incorreta, acha-se à p. 35 do livro de Schreber. [Denkwürdigkeiten eines Nervenkranken. Leipzig: Oswald Mutze, 1903. Em todas as citações que Freud faz de Schreber é utilizado o texto da edição brasileira: *Memórias de um doente dos nervos*. Tradução e introdução de Mariâlene Carone. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995 (1984). Não é preciso indicar aqui as páginas correspondentes na edição brasileira, pois nela os números de páginas do original se encontram na margem esquerda do texto.] [As notas chamadas por asterisco e as interpolações às notas do autor, entre colchetes, são de autoria do tradutor. As notas do autor são sempre numeradas.]

meu corpo e meu destino pessoal. Diante dessa ponderação, deve calar-se qualquer escrúpulo de ordem pessoal”.² Em outra passagem do livro, ele afirma ter decidido manter o propósito de publicá-lo, ainda que seu médico, o *Geheimrat** prof. e dr. Flechsig, de Leipzig, viesse a processá-lo por isso. Ele solicita de Flechsig o que agora também eu solicito dele mesmo: “Espero que nesse caso também no espírito do conselheiro prof. dr. Flechsig o interesse científico pelo conteúdo das minhas *Memórias* prevaleça sobre eventuais suscetibilidades pessoais” [p. 322].

Embora neste trabalho eu cite literalmente todos os trechos das *Memórias* em que se baseiam minhas interpretações, peço ao leitor que se familiarize antes com o livro, mesmo que numa só leitura.

I. HISTÓRIA CLÍNICA

O dr. Schreber relata: “Estive doente dos nervos duas vezes, ambas em consequência de uma excessiva fadiga intelectual; a primeira vez por ocasião de uma candidatura ao Reichstag [Parlamento] (quando eu era diretor do Tribunal de Província em Chemnitz), a segunda vez por ocasião da inusitada sobrecarga de trabalho que enfrentei quando assumi o cargo de presidente da Corte

² Prólogo das *Memórias*.

* “Conselheiro do Estado”; antigo título honorífico na Áustria e na Alemanha.

de Apelação de Chemnitz, que me tinha sido então recentemente transmitido”.³

A primeira doença manifestou-se no outono de 1884 e estava completamente curada no final de 1885. Flechsig, em cuja clínica o doente passou então seis meses, definiu seu estado, num “parecer formal” depois emitido, como um ataque de severa hipocondria. O dr. Schreber assegura que essa enfermidade transcorreu “sem qualquer incidente relativo ao domínio do sobrenatural”.⁴

Sobre os antecedentes e as circunstâncias de vida do paciente, nem seus escritos nem os pareceres médicos a eles agregados informam suficientemente. Eu não poderia sequer dizer qual a sua idade no momento em que adoeceu, embora a elevada posição que alcançou na Justiça, antes de adoecer pela segunda vez, garanta um certo limite inferior. Ficamos sabendo que na época da “hipocondria” o dr. Schreber estava casado havia muito tempo. Ele diz: “Ainda mais profunda talvez foi a gratidão sentida por minha esposa, que realmente reverenciava o dr. Flechsig, aquele que lhe devolveu seu marido e por esse motivo conservou durante anos seu retrato sobre sua escrivaninha” (p. 36). E, no mesmo lugar: “Depois da cura de minha primeira doença, vivi oito anos, no geral, bem felizes, ricos de honrarias exteriores e apenas passageiramente turvados pelas numerosas frustrações da esperança de ter filhos”.

Em junho de 1893 foi-lhe comunicada sua iminente nomeação para presidente da Corte de Apelação; ele as-

3 *Memórias*, p. 34.

4 Ibid., p. 35.

sumiu o cargo em 1º de outubro do mesmo ano. Nesse intervalo⁵ lhe ocorreram alguns sonhos, aos quais somente depois veio a dar importância. Sonhou algumas vezes que sua antiga doença retornara, o que no sonho o fez sentir-se muito infeliz, tanto quanto ficou feliz, ao despertar, por ter sido apenas um sonho. Além disso teve uma vez, no início da manhã, num estado entre o sono e a vigília, “a ideia de que deveria ser realmente bom ser uma mulher se submetendo ao coito” (p. 36), uma ideia que ele, em plena consciência, teria rejeitado com indignação.

O segundo adoecimento principiou no final de outubro de 1893, com uma tormentosa insônia que novamente o fez procurar a clínica de Flechsig, onde, no entanto, seu estado piorou rapidamente. A evolução posterior é registrada num parecer emitido pelo diretor da casa de saúde de Sonnenstein (p. 380):

“No início da internação⁶ manifestava várias ideias hipocondríacas, queixava-se de sofrer um amolecimento cerebral, de que morreria logo etc., mas logo em seguida se acrescentaram ao quadro mórbido ideias de perseguição derivadas de alucinações, que no início ainda se manifestavam esporadicamente, ao mesmo tempo que começava a se mostrar uma notável hiperestesia — grande sensibilidade à luz e ao barulho. Mais tarde se tornaram mais frequentes as alucinações

5 Ou seja, antes que tivesse efeito o trabalho excessivo de seu novo cargo, a que ele atribuiu a doença.

6 Na clínica do prof. Flechsig, em Leipzig.

auditivas e acústicas, que, ao lado de distúrbios sensoriais comuns, acabaram por dominar sua sensibilidade e seu pensamento: considerava-se morto e apodrecido, doente de peste, supunha que seu corpo fosse objeto de horríveis manipulações de todo tipo e, como afirma ainda hoje, sofria as coisas mais terríveis que se possam imaginar — e tudo isso em nome de uma causa sagrada. As ideias delirantes absorviam a tal ponto o doente que ele ficava horas e horas completamente rígido e imóvel (estupor alucinatório), inacessível a qualquer outra impressão, e por outro lado essas ideias o atormentavam tanto que chegava a invocar a morte, a ponto de tentar várias vezes afogar-se no banho e exigir o ‘cianureto que lhe estava destinado’. Pouco a pouco as ideias delirantes assumiram um caráter místico e religioso: ele se comunicava diretamente com Deus, os diabos faziam das suas com ele, via ‘fenômenos milagrosos’, ouvia ‘música sacra’ e, finalmente, acreditava estar vivendo em um outro mundo”.

Acrescentemos que ele xingava diversas pessoas que acreditava terem-no perseguido e prejudicado, sobretudo Flechsig, seu ex-médico, que chamou de “assassino de alma”, e inúmeras vezes gritou “pequeno Flechsig”, acentuando a primeira palavra (p. 383). Foi removido de Leipzig e, após breve permanência em outra instituição, chegou ao sanatório Sonnenstein, próximo a Pirna, em junho de 1894, ali ficando até que a doença tomou a forma definitiva. Nos anos seguintes, o quadro clínico se alterou de uma maneira que descreveremos melhor com as palavras do dr. Weber, diretor do sanatório: